



NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

POSSE DO SECRETARIADO DO COMITÉ CENTRAL



O camarada João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, conferiu posse ao novo Secretariado do CC do PAIGC. A cerimónia desenrolou-se ao fim da manhã de segunda-feira na sede do Partido, em Bissau, estando presente o Secretário Permanente do CC, ca-

marada Vasco Cabral, e membros do BP e do CC. Discursando na altura, o camarada Nino Vieira afirmou que a designação do novo Secretariado irá permitir ao PAIGC desempenhar o papel de força dirigente da sociedade guineense. (Ver Pág. 2)

DISTRIBUIÇÃO DE CARNE EM DEBATE

A Comissão encarregada da regularização do abastecimento de carne ao país reuniu-se pela primeira vez no sábado passado, na presença do Primeiro-Ministro, camarada Victor Saúde Maria, para a análise da situação.

A sessão, que registou igualmente a presença do Ministro da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, camarada João Cruz Pinto, debreçou-se sobre a escassez de carne no mercado nacional e analisou as medidas visando a proibição de saída de grandes quantidades de cabeças de gado para os países vizinhos, problema levantado pelos representantes dos magarefes, presentes ao encontro.

Outras reuniões estão programadas para hoje, com responsáveis regionais de Bafatá e Gabú, e no dia 3 de Agosto em Cantchungo, com dirigentes e representantes de magarefes das regiões de Cacheu e Oio.

PRIMEIRO-MINISTRO EM VISITA À ZONA LESTE DO PAÍS 8 MIL TONELADAS DE MANCARRA POR EVACUAR



Durante os encontros com os responsáveis regionais e população de Bafatá, Contuboeil e Cossé, o Primeiro-Ministro Víctor Saúde Maria foi posto perante as dificuldades que a Região enfrenta, nomeadamente a falta de transporte que impossibilita a evacuação de produtos agrícolas e de água, que origina a fuga de gado para os países vizinhos. Víctor Saúde Maria que iniciou segunda-feira uma visita de trabalho à Zona Leste do país, deve deslocar-se hoje a Gabú. A necessidade de coordenação de actividades entre os departamentos que integram o Gabinete Regional de Planificação, e de aumento da produção, visando a autosuficiência alimentar, constituem a tónica das intervenções nos encontros com a população. (Ver Pág. 8)

○ PAÍS

- EXTENSIONISTAS RURAIS
TERMINAM CURSO (pág-2)
- ANTIGOS COMBATENTES
CRIAM COOPERATIVAS (pág-3)
- ESCOLA PARA
ILHÉU DO REI (pág-6)

OS SIONISTAS

NUNCA
ESCONDERAM
O SEU
OBJECTIVO
-CENTRAIS-



Superação de professores

Camarada director,

Um dos problemas que actualmente mais afectam o ensino básico elementar é o baixo rendimento escolar principalmente a nível da primeira classe, em que a percentagem de reprovação em certos casos, chega a ultrapassar os 50%. É de facto preocupante o número de repetentes no primeiro ano, o que à partida lhes coloca numa situação desfavorável em relação ao prosseguimento dos estudos a nível do ensino básico elementar.

É desencorajante para a criança o insucesso logo no primeiro contacto com a escola, o que pode até provocar uma aversão em relação ao estabelecimento escolar e até uma sensação de frustração. Para a família também este facto pode reflectir-se numa indiferença ou oposição em relação à escola que ela sente incapaz de proporcionar aos filhos a instrução que ela deseja e de corresponder aos sacrifícios que faz.

Várias causas concorrem para o deficientemente rendimento, das quais destaco a qualificação dos professores, a metodologia utilizada, as condições sócio-económicas em que vivem as crianças e ainda as condições pedagógicas das instalações escolares.

Estou convencido que o rendimento será amplamente melhorado se o nosso Ministério da Educação Nacional encarar a sério a superação dos professores, a melhoria das condições dos mesmos, evitando assim a fuga dos mais qualificados que se tem verificado e ainda se os professores estiverem bem seguros dos objectivos gerais da educação e das especificidades das disciplinas que integram o programa do ensino básico elementar.

Quando o professor conhece bem o que ensina e para quem ensina, o trabalho é naturalmente mais rentável e a aprendizagem facilitada. É preciso que o professor em cada momento, através do trabalho do dia-a-dia, tenha sempre presente a filosofia geral da educação e a forma como deve actuar no sentido de a cumprir na íntegra.

Então, em conclusão de tudo isso, é necessário que haja frequentemente seminários de superação dos professores com menos formação, dando-lhes conhecimentos pedagógicos e científicos das matérias que constituem o currículo da primeira classe e desenvolvendo neles o gosto pelo estudo e a necessidade de aperfeiçoarem-se cada vez mais no sentido de realizarem cabalmente a tarefa importante que lhes é incumbida — a educação das crianças.

ANTÓNIO ADAMA SEIDI

Bachile:

Curso de extensionistas

O Ministro do Desenvolvimento Rural, camarada Paulo Correia, presidiu no sábado passado, na região de Cacheu, ao encerramento do quarto curso de extensionistas rurais, promovido pelo Projecto de Extensão Rural de Bachil. Falando na altura, aquele membro do Bureau Político do PAIGC e do Conselho da Revolução, salientou a importância que o Governo atribui à formação de quadros, sobretudo no sector da agricultura, dada a situação económica débil que o país

enfrenta. De acordo com as palavras do titular da pasta do Desenvolvimento Rural, só é possível sair desta situação com o engajamento consciente e total de todo o povo.

Por seu turno, o responsável pelo projecto, camarada Jorge Oliveira, apresentou aos presentes um historial do que foi o projecto desde a sua criação, em 1977, pelo então Comissariado da Agricultura e Pecuária, as dificuldades que enfrenta bem como as perspectivas para a

sua solução, no âmbito do plano do Centro, agora integrado no Projecto do Desenvolvimento Integrado da Zona Agrícola n.º 2, que compreende as regiões de Cacheu e Oio.

Tanto o Ministro Paulo Correia, como o engenheiro Jorge Oliveira agradeceram, nas suas intervenções, as ajudas de que o centro tem beneficiado por parte de organismos como a Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional — SIDA, o Programa Alimentar

Mundial-PAM e ainda do Governo holandês, ajudas essas consideradas fundamentais para o avanço do projecto. Paulo Correia, que se fazia acompanhar pelo Ministro do Comércio e Artesanato, camarada Carlos Correia e por técnicos do seu ministério, agradeceu, também, em nome do Governo e das autoridades regionais, presentes ao acto, a valiosa contribuição dos professores cooperantes que dirigem os cursos de superação para extensionistas do projecto.

Seminário sobre saúde de base

«Consideramos que os trabalhos programados para o período de 1981/82 foram bastante positivos» — declarou ao Jornal, o camarada Augusto da Silva, Coordenador Central do Projecto de Saúde de Base, a

propósito do Seminário anual dos trabalhadores de saúde integrados nesse projecto, que decorre em Bissau desde ontem, devendo terminar na sexta-feira próxima. O encontro conta com a participação, além dos

enfermeiros e agentes sociais polyvalentes da Saúde, alguns técnicos cooperantes ligados ao projecto, assim como delegados dos departamentos que intervêm na vida directa das comunidades rurais.

Ao considerar positivos os trabalhos até agora desenvolvidos, Augusto da Silva estima que, de todas as tabancas programadas durante o período de 81/82, mais de 60 por cento delas foram concretizadas.

Secretariado do CC toma posse

O Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, camarada João Bernardo Vieira, deu posse a novos secretários do Comité Central, numa cerimónia realizada ao fim da manhã de segunda-feira, na sede do Partido. No uso da palavra, precedido da leitura do termo de posse pelo camarada Mário Cabral, do CC, e do termo de compromisso pelos novos titulares, Nino Vieira classificaria o acto de mais uma

vitória da vida do P.A. I.G.C.

Segundo o camarada Secretário-Geral, a formação do novo Secretariado vai permitir à organização desempenhar o lugar que conquistou e a que tem direito de força dirigente da sociedade guineense. Ao felicitar os empossados, recordou que apesar da nova fase da luta ser muito mais complexa, o espírito de unidade e a determinação que sempre caracterizaram esses mi-

litantes irão permitir o desempenho cabal da sua missão, para a elevação cada vez mais alto da obra grandiosa de Cabral.

Recorde-se que o I Congresso Extraordinário havia nomeado os camaradas João Bernardo Vieira e Vasco Cabral para os cargos de Secretário-Geral e Secretário Permanente do Comité Central, respectivamente, e que a reunião ordinária do CC, realizada de 30 de Junho a 6 de Julho apro-

vou a composição do Secretariado do CC, que passa doravante a ser assim preenchido: Teobaldo Barbosa, Secretário para a Organização e Controlo; Fidélis Cabral d'Almada, Organização de Massa e Outras Organizações Sociais; Pedro Ramos, Defesa e Segurança; Filinto Barros, Informação, Propaganda e Cultura; Domingos Brito, Administração e Finanças e Francisco Silva, Relações Internacionais.

Responde o povo

Como viu a participação das equipas africanas no Mundial?

O Mundial 82 tem sido alvo de acesas discussões nos bairros da capital, pelo que saímos à rua para auscultar algumas opiniões. Eis as impressões que recolhemos sobre o assunto.

«NÃO É DE ADMIRAR SE UM DIA ULTRAPASSARMOS A LUA E ATINGIRMOS O SOL»

Jorge Panamunay, 23 anos, morador no bairro de Tchada:

«O talento demonstrado pelos jogadores africanos neste Mundial 82 veio a confirmar mais uma vez que os «cérebros electrónicos» falharam nos seus cálculos. Aqueles que não estiverem informados sobre o futebol africano, poderão ter ficado surpreendidos, visto que após a inde-

pendência da maioria dos países africanos, deixou-se de constatar a grande sangria no nosso futebol. Se analisarmos bem, podemos chegar à conclusão que os grandes futebolistas do mundo são negros. Mas onde estão estes grandes jogadores? Na Europa, América. Porquê? Por causa da dominação, e questões de ordem financeira.

Se hoje estão na Europa, isto deve-se ao colonialismo, e ao mesmo tempo se verifica na América, embora já com outra característica: o

comércio dos escravos. Portanto, ninguém deve ficar surpreendido, porque os africanos têm mostrado sempre que a «matéria prima» (recursos humanos) nunca lhes faltaram, simplesmente não os podemos preparar. Ainda sobre o Mundial-82, a própria história demonstrou que aqueles que se mostraram gigantes neste Mundial, como o caso da República Federal Alemã, Itália, mostraram-se incapazes frente às equipas africanas dos Camarões e Argélia.

Como já citei atrás, os europeus viram-se obrigados a reconhecer os valores dos nossos desportistas, como N'kono, Beloumi, M'bida, Tokoto,

Mila...

Não é de admirar se um dia ultrapassarmos a luta e atingirmos o sol».

«A DERROTA DE ÁFRICA É SABOTAGEM»

Domingos da Silva, 22 anos, estudante:

«Quanto à participação das selecções africanas no Mundial, penso que é um grande acontecimento, apesar de ter havido sabotagem por parte das selecções europeias, principalmente da Alemanha Federal. Sabemos que a RFA podia ganhar a Áustria por mais de um zero, mas não o fez com o intuito de sabotar a equi-

pa africana. Não é um caso lamentável o facto da selecção africana ser afastada, porque vê-se claramente o caso de Thomas N'kono, considerado por muitos como o melhor guarda-redes deste Mundial.

O ponto negativo da selecção africana é que os atacantes não aproveitam para marcar golos. Espero que os treinadores tenham isto em conta».

«PROFISSIONALISMO ANIMARÁ OS JOGADORES»

Castro Henrique Barbosa, 21 anos, estudante:

«Desde os anos 70 que a África tem participado nos Mundiais, mas ape-

nas com uma selecção. Este ano participaram duas equipas: Argélia e Camarões, o que é um grande sucesso, apesar de uma derrota da Argélia. Isto demonstra que o futebol africano tende a desenvolver-se. Se fosse criado o profissionalismo, isto animará os desportistas e traria o consequente desenvolvimento do desporto africano. Podemos tirar o exemplo da Argélia onde já há o profissionalismo. Tem-se verificado muitas saídas dos jogadores africanos para a Europa em busca de melhores condições e têm servido muito bem as equipas europeias. Se as condições tivessem sido criadas nada disso aconteceria».

Antigos combatentes criam cooperativas

Os estaleiros «Paralta» construíram recentemente quatro canoas com motor fora de bordo encomendadas pela Secretaria de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria que já foram entregues aos antigos guerrilheiros, para exploração.

As canoas irão reforçar a cooperativa de transportes dos Combatentes da Liberdade da Pátria no sul do país que já dispunha de três camiões. Este pequeno projecto vai ajudar a resolver a questão de transporte de passageiros e mercadorias por vias terrestre e fluvial nas regiões de Quínara e Tombali.

Trabalham nesta associação um responsável, quatro motoristas, quatro ajudantes, um

responsável administrativo, quatro mecânicos, além de quatro marinheiros. Segundo nos revelaram da Secretaria de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria o projecto foi possível graças ao financiamento de um organismo suíço — a Suiced, no valor de quase três milhões de pesos no qual se inclui 20 por cento para aquisição de peças sobressalentes e da participação da Secretaria de Estado de mais de dois milhões de pesos. Este departamento estatal dará a sua contribuição no desenvolvimento do projecto durante cerca de seis meses findo os quais todas as despesas ficarão a cargo da cooperativa, que então pode beneficiar dos lucros. O camarada Primeiro



No Sul do país novas unidades irão beneficiar o transporte de passageiros/mercadorias

Ministro que visitou recentemente o Sul do país ficou bastante sensibilizado com o andamento do projecto por

isso a Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes vai alargá-lo para Biombo (cooperativa de transportes e

pesca artesanal) e Cacheu (cooperativa de construção civil) financiados por uma organização holandesa «ICCO».

Venda de selos

A Repartição de Finanças da Cidade de Bissau passou recentemente a vender valores selados (selos de Assistência, Reconstrução Nacional, Fiscais e papel selado) no Ministério da Educação Nacional, no Comité de Estado da Cidade de Bissau e na Casa Aly Suleymane.

Esta medida tem como objectivo descentralizar a venda de selos na capital bem como evitar enormes bichas à porta da Repartição de Finanças.

Preços sobem nas barbearias

O Ministério do Comércio e Artesanato decidiu recentemente aumentar os preços nas barbearias, devido «à subida do custo de vida e consequentemente dos produtos para barba e cabelo».

Assim, fazer a barba que custava 25 pesos passou para 30 pesos, o corte de cabelo normal que era 50 pesos custa agora

80 pesos, corte francês passou para 100 pesos, lavagem e penteado que custava 30 pesos agora é 50 pesos e, corte de cabelo em casa passou para 150 pesos.

Segundo o responsável da barbearia «Cristal» «nós também insistimos bastante junto do Comércio porque a vida está muito cara».

Acidentes de viação não fazem vítimas

Não houve vítimas a lamentar em três acidentes de viação ocorridos no sábado, domingo e segunda-feira passados. Há a salientar apenas um ferido grave que se encontra hospitalizado, três feridos ligeiros e danos materiais nas viaturas.

No dia 24, pelas 17,45 horas o veículo CA-2448 que circulava na Avenida Amílcar Cabral, com deficiência nos travões, embateu com o pára-choques da frente no terço-traseiro da viatura CA-0637 que se encontrava estacionado. Do acidente resultaram

apenas danos materiais. No dia 25, na estrada João-Landim o carro CA-1770 que circulava também com deficiência nos travões embateu no veículo CA-00-68 que se encontrava estacionado, tendo originado ferimentos graves a Augusto Cardoso e ligeiros a Babano Cardoso e João Injai.

Entretanto, no dia 26 na Avenida 14 de Novembro a viatura CA-02-03 que vinha em excesso de velocidade atropelou a transeunte Domingas Mendes, tendo-lhe provocado ferimentos ligeiros.

Com as chuvas que assolam praticamente todos os dias a cidade de Bissau, as ruas e avenidas começaram já a padecer o velho problema: estão cheias de buracos e algumas praticamente intransitáveis.

O Comité de Estado da Cidade de Bissau e o Ministério das Obras Públicas ainda não começaram a reparação das artérias da capital mais afectadas como acontece todos os anos no início da época das chuvas. Se esta operação não foi feita o mais rapidamente possível será mesmo necessário fechar certas ruas. Temos como exemplo a avenida Pansau Na Isne (Estrada de Santa Luzia) uma zona com grande movimento

Ruas intransitáveis



devido à existência ali de vários Ministérios, do Quartel General das FARP e do Hotel 24 de Setembro. Ali os carros têm grande dificuldade em circular nas duas

faixas. À noite então é um perigo, que só a pericia dos condutores evita o pior.

Isto, além de «arrebentar» completamente

com os veículos que depois têm que ficar parados por falta de peças sobressalentes no mercado local, pode originar acidentes graves.

Construção de novo cemitério

Falta de financiamento originou a paralização da construção do novo cemitério de Bissau, sita no Bairro de Plubá, e cujas obras foram iniciadas desde 1979, com a terraplanagem do local.

Segundo informações colhidas na terceira Repartição do Comité de Estado da Cidade de Bissau este cemitério terá dimensões superiores ao antigo que se encontra saturado. Foi já elaborado e entregue ao governo um plano de construção

estando neste momento a aguardar financiamento.

Entretanto, sobre rumores de que os coveiros do cemitério municipal removem campas recém-utilizadas, os responsáveis do CECB esclareceram que isso não é verdade pois que tal só se procedia após cinco anos, mas, antes mesmo procuram comunicar aos familiares do defunto caso estejam interessados na compra da sepultura.

Outro assunto que

mereceu a atenção dos responsáveis do cemitério é o alegado aparecimento de vestuário quase intacto, depois da remoção das sepulturas. Afirmaram que isso acontece devido à utilização de madeira como o bissilão na construção de caixões, que leva muito tempo a desfazer-se; pelo que o cadáver leva também muitos anos a decompor-se e o vestuário ainda mais tempo.

Cinema

Soirée — «Tudo à venda» para maiores de 13 anos.

Matinée — «Cuidado com a vovó» para maiores de 13 anos.

Farmácias

Hoje — «Farmedi 1» — Rua Guerra Mendes, telefone 212460.

Amanhã — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 212702.

Sexta-feira — «Farmedi 2» — Bairro de Belém, telefone 213473.

Se diminuírem os bombardeamentos poderemos dar um salto importante

Esteve entre nós, durante escassos dois dias o Ministro angolano da Saúde que permaneceu na nossa capital em visita privada. O camarada Agostinho Mendes de Carvalho, que foi recebido em audiência pelo Presidente João Bernardo Vieira e teve contactos com altos dirigentes do PAIGC e do Governo, numa pequena conversa com o nosso repórter, fez o levantamento da situação da Saúde na República Popular de Angola. Mendes de Carvalho realçou o esforço do Estado angolano e a ajuda internacional face a perseguição crimi-nosa e destruidora da África do Sul que com ataques e bombardeamentos, pretende desviar a pátria de Agostinho Neto da via livremente escolhida pelo povo para a construção de uma terra de felicidade e progresso.

Como os outros países das ex-colónias portuguesas, Angola sente ainda o espectro nefasto da colonização, em quase todos os domínios da sua vida, particularmente no da Saúde, onde a situação é ainda agravada com a desestabilização constante dos fantoches ao serviço do imperialismo internacional. A reestruturação deste sector é uma tarefa que o MPLA-PT considera sempre importante no conjunto do esforço para a reconstrução do país.

«Na Saúde, embora existindo uma estrutura mecânica bem definida, temos encontrado dificuldades, sobretudo no aspecto de quadros. É certo que conseguimos formar quadros básicos mas devido ao

de Angola referindo-se à cooperação diria que «para nós é um aspecto muito importante e de grande responsabilidade, na medida em que pagamos isso em dólares. Nos primeiros tempos depois da independência, por exemplo, com Cuba, era tudo grátis. Mas hoje, como é óbvio, não poderemos continuar assim, temos pago como se fossem cooperantes de outros países. Temos cerca de 400 médicos estrangeiros, além de outros técnicos de países socialistas e capitalistas».

Falando sobre os princípios orientadores da política sanitária, o nosso entrevistado afirmou que «de acordo com as orientações do Partido ela está voltada

mos uma determinada quantidade de medicamentos e equipamentos e não conseguimos levar à avante o projecto quando a África do Sul bombardeia os hospitais, postos sanitários e centros de saúde. Frequentemente morre um técnico de saúde. Os fantoches que colaboram com Pretória atacam hospitais e roubam medicamentos», salientou Agostinho Mendes de Carvalho, acrescentando que «se não fosse a ajuda da Cruz Vermelha Internacional, nós hoje, viveríamos numa situação muito difícil, por causa dos bombardeamentos constantes».

«Nós somos um país em guerra — referiu ainda — e os nossos planos são concebidos co-

pela guerrilha dos fantoches, poderemos dar um salto importante no campo da Saúde».

Instado a pronunciarse sobre a concertação entre os países da ex-CONCP, no domínio da Saúde, Agostinho Mendes de Carvalho citou a última visita do ministro guineense da Saúde, camarada Carmen Pereira, que demonstra as boas relações existentes. «Dentro da ex-CONCP mantemos troca de ideias com outros países de expressão portuguesa. Temos uma Escola Superior de Enfermagem, em Luanda, onde estão a estudar alunos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique», frisou Mendes de Carvalho para além disso há troca de impressões nas reuniões internacionais».

«Reunimo-nos para trocar ideias e experiências. Sempre, em cada ano, há um presidente dessas reuniões e vai-se mudando rotativamente. Brevemente, teremos uma reunião da OMS. Já estão preparadas as condições

de 50 países. «Nessa reunião, nós — Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé, aproveitamos para estar em contacto. As nossas relações são muito boas, e resultam de uma fraternidade franca e fraterna».

Referindo-se às doenças mais vulgares em Angola, o responsável da Saúde, após afirmar que são comuns aos países africanos, disse que existem programas para o combate da doença do sono, lepra e tuberculose, programas que, para cuja concretização, foram apresentados pedidos de ajudas a algumas organizações internacionais, na medida em que, neste momento, o governo angolano não está em condições de dar assistência no aspecto financeiro.

«Temos milhares de refugiados ou deslocados (chamamos deslocados àqueles que saem constantemente das zonas de bombardeamento, das zonas de guerra) que trazem toda a situação difícil: anemia, fome, falta de vestuário. É um problema di-



baixo nível que possuem, não assimilam a matéria como era de se esperar. Isso dificulta muito a cobertura sanitária do país», começaria por dizer o ministro Mendes de Carvalho.

«Quanto aos investimentos e financiamentos — prosseguiu — temos tido a ajuda da OMS e da UNICEF e também de alguns países amigos».

O ministro da Saúde

para o campo, onde temos dado toda a nossa atenção ao aspecto da educação sanitária. Fica-nos mais barato fazer uma política de saúde preventiva, vacinando a população, ministrando noções de higiene, do que estar a fazer a medicina curativa».

«Mas, às vezes, o plano que traçamos cai. Muitas vezes, planea-

mo se estvéssemos numa situação normal. Por isso é difícil conciliar as duas coisas».

O ministro da Saúde considerou, entretanto, terem-se registado avanços, não obstante todas essas dificuldades. «O Partido e o Governo — diria — têm-nos sempre ajudado. Se diminuírem os bombardeamentos sul-africanos, que são coadjuvados

para a nossa reunião. Quando um país é presidente, o outro que a seguir vai tomar posse garante o secretariado» sublinhou o dirigente angolano.

Mendes de Carvalho informou, por outro lado, que vai realizar-se em Angola, no mês de Setembro próximo, uma conferência sobre a Medicina tradicional, onde estarão presentes cerca

fácil de ser resolvido só com os nossos próprios meios. Será necessária a ajuda de todos, e sobretudo faço apelo aos países amigos, isto é, das ex-colónias portuguesas para nos prestarem auxílio. De muitos países amigos recebemos ajuda em medicamentos e também em quadros», disse a concluir Agostinho Mendes de Carvalho.



Os bombardeamentos por cobro e que

Os

As constantes e justificadas agressões militares israelitas contra os territórios árabes vizinhos — ridiculizam toda e qualquer norma internacionalmente aceite livremente e comum acordo pela comunidade das nações que agora atinge o ponto mais dramático da amarga história do alacionamento entre árabes e judeus — «o nocido de Beirute» (que ora prossegue encontra a sua explicação em factos históricos bem premeditados, como explica ao n.º 10 do jornal o Embaixador O.L.P. em Bissau.

Desde 1880 decada uma discussão sobre os meios judeus visados encontrar uma pátria própria. Para essa pátria, foram propostos numerosos territórios tanto na África como na Ásia, acabando por adoptar a Palestina por motivos religiosos. A maior contribuição para a criação do Estado sionista veio da Grã-Bretanha que, em 1919 tinha difundido a promessa de Balfour visando ajudar os judeus espalhados pelo mundo.



Israelitas têm como alvo as populações indefesas do Líbano. Um genocídio cruel que urge a luta para soberania e dignidade



Sionistas nunca esconderam o seu objectivo

— Embaixador da OLP ao Nô Pintcha

a criarem uma pátria onde se poderiam reunir. Desde essa data até a implantação do Estado em 1948, houve vários levantamentos de protesto do povo palestino.

O camarada Mohamed Maalami, embaixador da OLP em Bissau, começou por abordar nesta entrevista com o «Nô Pintcha», os antecedentes da política expansionista de Israel afirmando que «os responsáveis supremos do sionismo nunca esconderam os seus objectivos de criar o «grande Israel», e que são claramente visíveis na sua divisa. — «O teu Estado, o Israel estende-se do rio Nilo ao rio Eufrates» — sabendo, portanto, que esse território (do Nilo ao Eufrates) compreende toda a Palestina, toda a Jordânia, uma parte do Iraque, outra da Arábia Saudita, a zona do Sinai, o Sul do Líbano e uma grande parte da Síria».

O Estado sionista sempre fez esforços para realizar esse objectivo visto que de vez em quando, ocupa territó-

rios árabes, e instala neles colónias judaicas. Os israelitas lançaram sucessivamente várias ofensivas repressivas e de ocupação contra territórios e povos árabes, nomeadamente nos anos de 1948 — 1956 — 1967 — 1973 — 1978 e 1982, esta, a mais bárbara...

«É, pois, bem claro — declara Mohamed Maalami — que nenhum nacionalismo ligava os habitantes de Israel visto que estavam espalhados pelo mundo, sem qualquer laço que os ligasse, para além do da religião. Portanto, a base da implantação do seu Estado foram as suas estreitas relações com o imperialismo internacional e o colonialismo, cujas potências lhes forneceram armas e experiências».

AS ASPIRAÇÕES DE BEGIN

O Sul do Líbano, ocupado e considerado território israelita, é cobigado pelos sionistas devido a fertilidade do seu solo, abundância de água no rio Litani, que permitiria aos agressores pastecerem os outros

territórios árabes ocupados.

Para além do seu desígnio de destruir o povo palestino e a sua vanguarda revolucionária, a OLP (a principal oposição às suas aspirações expansionistas), outros motivos levam ainda os dirigentes israelitas a moverem o presente assalto a Beirute, como explica o representante palestino:

«Depois da recente retirada de Israel do Sinai, houve grande insatisfação da parte dos judeus, pelo que Begin julgou melhor proceder a este assalto a Beirute para poder reconquistar os mesmos votos nas próximas eleições. A criação deste novo problema visa também levar o mundo a esquecer os problemas anteriores (a questão palestina e o Direito do Povo palestino), passando a falar-se essencialmente de retirada do Líbano».

Falando da conjuntura política do conflito e da disparidade de forças na luta contra o agressor, Mohamed Ma-

alami observou, em termos de análise, que as forças sírias no Líbano constituem um prego na garganta de Israel, apesar dessa presença significar a segurança da Síria, para que as tropas israelitas não avancem para Damasco. Mas que este é também uma oportunidade do agressor tentar destruir as forças sírias.

«Por outro lado — apresenta o Embaixador — com a liquidação da resistência palestina e o movimento nacionalista libanês, seria muito fácil afastar um dos maiores defensores da causa Árabe, a União Soviética, e fazê-la acreditar que quem manda na região são os americanos».

Respondendo a questão de uma necessária unidade árabe, tão importante e decisiva para um desfecho favorável aos palestinos nesta guerra, o camarada Maalami preferiu considerar, em primeiro lugar, que a principal razão desta agressão é o facto da revolução palestina estar a desenvolver-se consideravelmente nos últimos tempos, começando a constituir um grande perigo mesmo para o Estado sionista. Daí a necessidade de atacá-la agora, senão...

Prossegue o Embaixador na questão da unidade árabe considerando o Egipto (um dos mais fortes da região) —

«cedo ou tarde regressará às florestas dos países árabes. Israel sabe que o povo egípcio apoia a questão palestina, e que os acordos do Camp David não obrigarão o Egipto a permanecer sempre com os braços cruzados».

«A guerra irano-iraquiana preocupa esses países, que são dos principais inimigos de Israel, enfraquecendo e destruindo-lhes a economia. Se acabar a guerra, estes países poderão ajudar os seus irmãos árabes. Portanto, neste momento — concluiu — a solidariedade árabe encontra-se numa crise muito grave, e a resistência palestina está a ser vítima dessa crise».

Próximo número
Combatemos
para viver em paz

Com a contribuição de jovens escandinavos da ADPP

Escola para o Ilhéu do Rei

Voluntários das organizações de massas e os trabalhadores de Bissau vão ser convidados a participar na construção de uma escola no Ilhéu do Rei, conjuntamente com 10 elementos da organização dinamarquesa de «Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo» (ADPP).

Entretanto, a mesma organização abriu um centro de informação e propaganda no edifício da Casa Ancar, na rua Justino Lopes, conforme noticiámos na nossa edição anterior.

Ao fim de três anos de colaboração voluntária no nosso País, as brigadas de jovens escandinavos já construíram mobiliários e latrinas para escolas de 30 tabancas na Região de Gabú; três escolas primárias na Região de

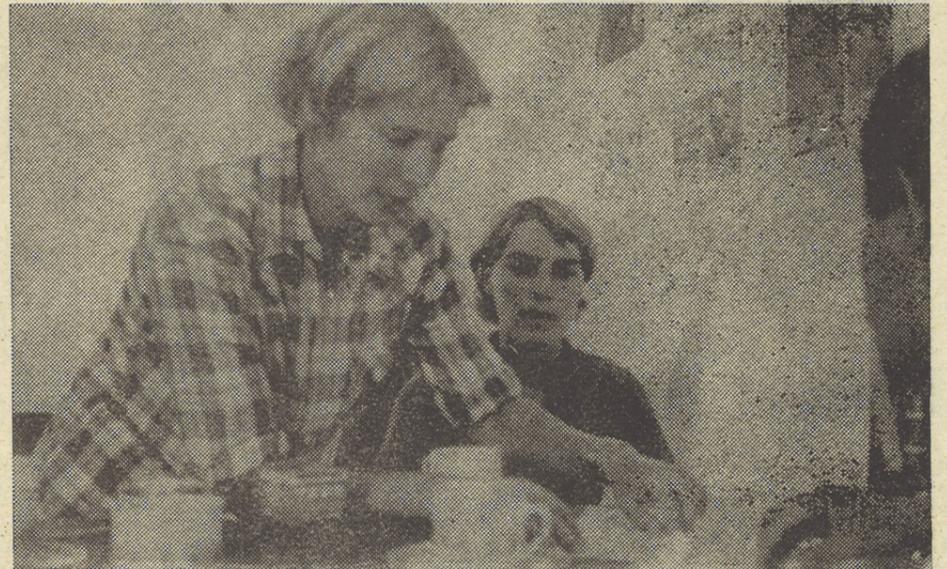
Quínara; uma escola primária em Cantchungo e prepararam-se agora para erguer a escola «14 de Novembro» no Ilhéu do Rei.

«Vamos continuar a colaborar com a Guiné-Bissau» — garantiram-nos Eva Vestergaard, coordenadora internacional dos projectos da ADPP e Brita Berntsen, responsável pelo projecto da ADPP na Guiné-Bissau.

Fundada em 1977, na Dinamarca, como movimento de solidariedade com os povos oprimidos, em luta de libertação e pela reconstrução de suas terras, a ADPP ajuda activamente o Zimbabwé (um complexo escolar para 1500 alunos, uma escola técnica além de outros projectos); a SWAPO da Namíbia (um jardim in-

fantil para refugiados em Angola, uma escola no Congo-Brazzaville, uma escola de formação prática de jovens namíbios na Dinamarca); o ANC da África do Sul (uma cidade na Tanzânia — «Não é um campo de refugiados, é uma cidade normal»); a Frente Polisário (envio de camiões); Moçambique (uma oficina de reparação de pequenos barcos); a OLP (uma alfaiataria em Beirute, no Líbano); o Yemén do Sul (uma oficina de reparação de pequenos barcos, fontanários, construção de um hospital); a Nicarágua (fontanários) e a Colômbia (construção de uma Casa do Povo para uma organização camponesa).

Neste momento, o grupo lançou uma cam-



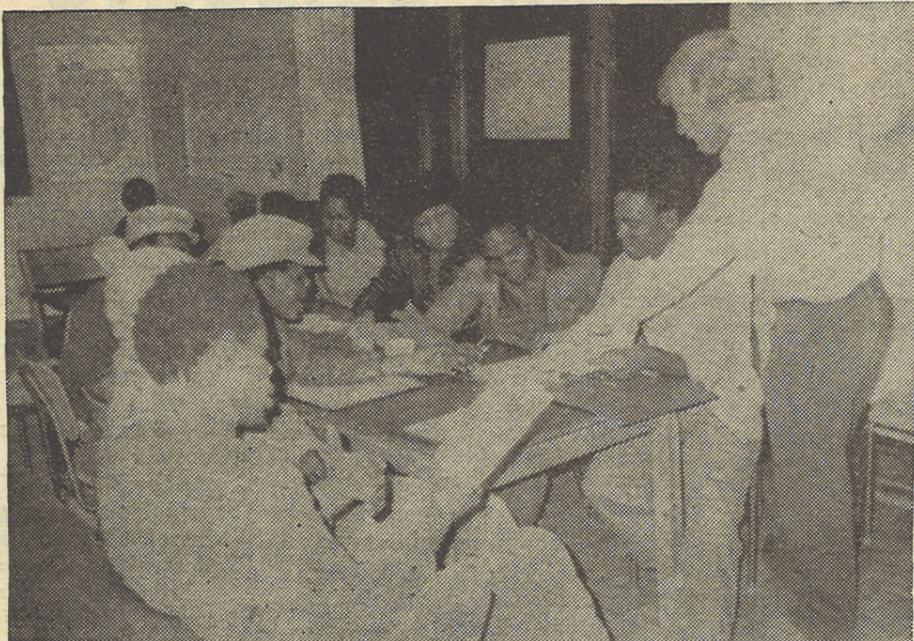
Eva Vestergaard, coordenadora internacional dos projectos da ADPP e Brita Berntsen, responsável pelo projecto daquela organização na Guiné-Bissau, quando explicavam ao nosso repórter a forma de trabalho daquele agrupamento voluntário escandinavo.

panha de sensibilização junto à opinião pública escandinava para a situação que vive Beirute. Assim uma colecta feita numa única povoação durante uma semana, rendeu o equivalente a 600 mil pesos que serão destinados à compra de medicamentos e camiões para a Organização de Libertação da Palestina. Para Eva Vestergaard, tais campanhas são feitas «sempre que a liberdade de um povo é ameaçada, como é o ca-

so do povo palestino». O principal objectivo que norteia a ADPP é promover todas as formas de informação e recolha de fundos e de material nos países de origem, com os quais possa fornecer ajuda aos povos e movimentos populares em luta de libertação, aos países subdesenvolvidos que enfrentem situações de atraso económico.

A maioria dos membros da «Ajuda de Desenvolvimento de Povo

para Povo» são jovens adolescentes. Ao entrarem para a organização são instruídos em determinadas disciplinas práticas, — como a construção de edifícios, mecânica, política, cultura, saúde, agricultura e pesca. Após terem sido examinados e considerados aptos pelo Comité do Povo, os jovens lançam-se em campanhas através da Escandinávia para a recolha de fundos e de objectos, explicando os objectivos e os problemas das causas que pretendem ajudar.



O apoio dado pela ADPP aos povos da África Austral em luta, é também feito através da instrução prática que é dispensada aos jovens daqueles países em escolas construídas especificamente para esse fim na Dinamarca.



A ajuda da ADPP também se caracteriza pelo envio de brigadas de jovens escandinavos que, metendo mãos à obra participam, junto com as populações, na construção de escolas, latrinas e mobiliários.

Anúncios

Nicandro José Augusto de Lacerda Pereira Barreto, Conservador dos Registos da República da Guiné-Bissau.

Nos termos da alínea b) do n.º 1 do artigo 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que Francisco Mendonça, solteiro, maior de 43 anos de idade, natural desta cidade, onde reside, requereu a alte-

ração da composição do seu nome fixado no assento de nascimento para Francisco Joaquim Correia.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da data de publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

JAAC no congresso da AASU

Regressou a Bissau, após ter assistido os trabalhos do 6.º Congresso da AASU (União Pan-Africana de Estudantes), a delegação da JAAC chefiada pelo camarada Paulo Silva, Secretário do Departamento da Organização e Controle e membro do Secretariado.

Nos trabalhos do congresso, realizado de 12 a 14 deste mês, na Etiópia, foram debatidos os

problemas da Organização, tendo sido aprovada uma nova constituição e adoptado documentos referentes ao plano das actividades e do programa da acção. A questão financeira foi também debatida, tendo sido realçado a necessidade do pagamento das quotas por parte dos membros. Foi estudado o apoio que a Organização poderá prestar os estudantes africanos, fa-

ce aos problemas que enfrentam, devido ao sistema selectivo vigente em certos países que põe em causa a formação dos mesmos.

Entretanto, antes do congresso da AASU, tinha-se realizado um seminário Internacional sobre a Paz, desarmamento e libertação nacional e social, de 7 a 10 do corrente, com a participação de um alto-responsável da ONU. Nes-

te certame foram abordadas várias questões que dificultam a paz no Globo.

Na actualidade política internacional, a situação no Líbano mereceu a atenção especial dos participantes que se pronunciaram solidários com povos da Palestina, do Líbano e da África do Sul, que travam uma luta decisiva pela sua libertação.

Corno de África Armas americanas para Somália

Enquanto decorrem combates encarniçados no interior da Somália entre o exército nacional e as forças do SSDF (Frente Democrática de Salvação Somaliana) que propõe derrubar o presidente Siad Barre, os Estados Unidos iniciaram nos últimos dias o fornecimento de importantes quantidades de material de guerra ao regime somaliano, para que este possa fazer frente à situação.

A Somália faz parte de um vasto dispositivo militar que os Estados Unidos pacientemente instalaram há dois anos na região, a fim de permitir a sua força de intervenção agir, em caso de conflito, na região petrolífera do Golfo. Os Estados Unidos assinaram acordos com o Oman, o Egípto, o Quênia e a Somália sobre a utilização de aeroportos e portos pelas suas forças militares, em troca de uma ajuda militar.

A Somália aceitara, por seu lado, pôr à disposição do Pentágono a sua base aeronaval de Berbera, no golfo de Aden, anteriormente utilizada pelos soviéticos antes da partida destes em 1977.

Indicou-se na segunda-feira de boa fonte, que o Pentágono fez chegar à Somália, radares e baterias de defesa anti-aérea, provenientes da ilha de Diego Garcia, onde os Estados Unidos dispõem de uma importante base aeronaval.

Descolonização da Namíbia Optimismo nas conversações

Existe actualmente um clima de optimismo quanto às hipóteses de sucesso das negociações nas Nações Unidas para a independência da Namíbia, que coincidiu com a emissão de uma circular da ONU, apelando a candidaturas para lugares que serão criados no momento da formação do grupo de assistência das Nações Unidas para a Transição (GANUPT).

Este grupo é destinado a assegurar a administração da Namíbia, enquanto se constituem as estruturas nacionais de uma Namíbia independente depois das eleições e a promulgação de uma Constituição.

O circular da ONU fez referência a «intensificação dos esforços diplomáticos com vista a conclusão dos arranjos para a aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança, e a intenção de avançar com a instalação do GANUPT». O texto precisou que as Nações Unidas julgaram «prudente» que o secretário (da Organização) tome certas medidas para que se possa agir prontamente em caso de se chegar a um acordo entre as partes em negociação.

TROPAS CUBANAS

Entretanto, a retirada das tropas cubanas do território angolano, posição esta defendida pelos

Estados Unidos e a África do Sul como condição para a concessão de independência à Namíbia, está na origem de certas dificuldades encontradas durante as conversações.

Enquanto «uma nova via começa a abrir-se para a independência da Namíbia — escreve o «Jornal de Angola» no seu editorial de quarta-feira passada — os Estados Unidos tentam convencer os seus aliados de que o único obstáculo é a presença cubana. Desde quando é que a RPA tem fronteira comum com o país do «apartheid»? Porque é que a administração Reagan exige a retirada num momento em que o exército de Pretória ocupa a província de Cunene (Sul de Angola) desde há 11 meses?»

Em resposta, o líder da revolução cubana, Fidel Castro, afirmou que as tropas cubanas só deixarão Angola quando a África do Sul retirar as suas forças de ocupação da Namíbia.

Entretanto, esta situação de impasse parece estar em vias de ser ultrapassada, pois um alto funcionário da Secretaria de Estado americano, Vernon Walter, afirmou no final da sua recente estadia de dois dias em Luanda, que os Estados Unidos já não põem como condição a retirada das tropas cubanas.

Zimbabué: Dissidentes raptam turistas

O recolher-obrigatório foi instaurado desde domingo pelas forças de segurança do Zimbabué na região de Matabeland (sudoeste do país, onde seis turistas foram raptados na semana passada. Julga-se que os raptadores são dissidentes dos antigos guerrilheiros do partido do líder nacionalista Joshua Nkomo.

Os raptadores ameaçam executar os seus reféns se não obtiverem a libertação de um certo número de prisioneiros políticos, sobretudo dois antigos comandantes das forças da ZAPU de Nkomo, detidos em Março, 15 dias depois do afastamento do seu chefe do Governo zimbabueano. Os dois homens foram acusados de armazenamento de armas com visto a um golpe de estado.

O Governo de Robert Mugabe, que não fez nenhum comentário desde o início do ocorrido até então, recusou todas as ofertas de colaboração de Nkomo e, pelo contrário tem denunciado regularmente a responsabilidade de «certos dirigentes» da FP-ZAPU e do próprio Partido, nas actividades dos dissidentes, que já fizeram mais de 30 mortos há cinco meses.

Por outro lado, os órgãos de segurança do Zimbabué instauraram um processo contra um grupo de terroristas participantes do recente atentado contra o Primeiro-Ministro Robert Mugabe.

Ao intervir no parlamento o ministro do Estado, Conselheiro do Primeiro-Ministro do Zimbabué, Emerson

Munangangwe, salientou, conforme a revelação do inquérito realizado, que os réus pertencem às organizações subversivas ao serviço

do regime racista de Pretória e que são utilizadas por este com vista à desestabilização dos países africanos vizinhos da África do Sul.

Libéria: Exportação da borracha

MONRÓVIA — A «Firestone Tire and Rubber», a maior companhia estrangeira que funciona na Libéria, iniciou negociações com o governo do país, sobre a revisão dos acordos, com base nos quais funciona em território liberiano desde 1962.

As ameaças dos donos da borracha liberiana de fecharem as plantações são interpretadas pelas autoridades liberianas como uma manobra táctica do monopólio estrangeiro com o objecti-

vo de conservar os seus privilégios.

ADDIS ABEBA — Mais de 320 estabelecimentos de ensino primário e secundário foram inaugurados nos anos do poder popular, na província nordeste da Etiópia, Gondar. Presentemente funcionam aí cerca de 450 escolas. Durante o império de Hailé Selassié, Gondar era uma das províncias mais ignoradas da Etiópia e onde as revoltas camponesas eram frequentes.

OUA: Reunião crucial em Tripoli

Salvar a OUA sem sacrificar a causa do povo saharauí — tal é a tarefa que espera os participantes na 19.ª cimeira africana de Tripoli, cuja fase preparatória decorre desde ontem na capital, a nível dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

Muita propaganda se fez para impedir a realização desta reunião, em que está presente uma delegação da República Árabe Saaraui Democrática (RASD), chefiada por Ibrahim Hakim, chefe da diplomacia saaraui.

O facto de se ter registado a presença de dois terços dos membros, necessária à realização da reunião, significa um passo em frente na vida da resolução das actuais divergências, de uma forma que preserve a existência da OUA.

Não se trata de uma crise da OUA, como alguns a interpretam, exagerando ao máximo as divergências inevitáveis em qualquer organização deste tipo.

A questão de fundo é que um país membro (o Marrocos) não respeitou uma das resoluções da OUA, re-

ferente ao direito à autodeterminação e independência dos povos colonizados, assim como à inviolabilidade das fronteiras herdadas da colonização.

Em nome de um irrealista «direito histórico», o regime do rei Hassan II, em cumplicidade com o governo fascista espanhol, anexou o Sahara Ocidental em 1975, querendo agora que a África aceite este facto consumado, contrário à legalidade internacional.

Como não teve o aval dos países africanos (salvo o de uma insignificante mino-

ria), Rabat recorreu à chantagem, ameaçando abandonar a OUA, contestando a admissão da RASD, Estado que obteve a maioria simples de votos necessário à sua entrada como membro efectivo, como reza a Carta da OUA.

Já nos anos 60, o Marrocos a meação abandonou a OUA, quando esta não aprovou a sua injusta reivindicação do território da Mauritânia. Nessa altura a manobra falhou e o governo cherifeno, isolado, achou por bem reintegrar a Organização pan-africana. Hoje,

mais uma vez, utiliza a mesma táctica com a diferença de que dispõe de um maior apoio, e algumas conferências promovidas pela OUA tiveram que ser adiadas devido a esta questão.

No entanto, a presença em Tripoli, de países que contestam o processo de admissão da RASD, mostra que o bom senso prevaleceu, e que a OUA está disposta a cumprir a sua verdadeira missão, o de servir primeiro o interesse dos povos, e não o dos regimes.

PROTESTO

ADDIS ABEBA — A Etiópia protestou oficialmente na segunda-feira junto do governo norte-americano a seguir à decisão de Washington de fornecer com urgência equipamentos militares à Somália. Segundo Addis Abeba, esta decisão é motivada por uma pretensa invasão da Somália pelas tropas etíopes.

ELEIÇÕES

ANTANANARIVO — Monja Joana, presidente do Partido malgache Monima Kamiviombio, foi designado pelo 11.º congresso do seu Partido para se apresentar na eleição presidencial que deverá ter lugar no Madagascar entre 4 de Novembro e 4 de Dezembro. O outro candidato à presidência da República é Didier Ratsiraka, actual chefe de Estado malgache.

RECONSTRUÇÃO

N'DJAMENA — O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) concedeu ao Tchad um empréstimo no valor de 5,5 bilhões de francos CFA. Esta quantia servirá para financiar os trabalhos de recuperação do aeroporto da capital, assim como o restabelecimento das instalações eléctricas nas cidades de Moundou, Sarh e Abeche, além da construção de estradas e projectos agrícolas no sul do país.

AUSTERIDADE

ACCRA — O governo do Ghana decidiu encerrar algumas das suas missões diplomáticas devido às dificuldades económicas que o país atravessa. Em África serão fechadas as embaixadas do Quênia, Mali, Senegal, Uganda e Zâmbia, enquanto o caso da representação ghanense no Egipto ainda está em estudo. No resto do mundo, serão encerradas as missões na Dinamarca, Holanda, Paquistão e Roménia.

PROVOCAÇÕES

MANÁGUA — O departamento nicaraguense de Zelaia está praticamente em estado de sítio, devido às provocações armadas contínuas, lançadas por bandos contra-revolucionários, que actuam a partir do território das Honduras. Esta informação foi dada por Tomas Borge, ministro do Interior da Nicarágua, que procedia à entrega de novas casas aos habitantes índios de Tazba-Pry, no norte do departamento de Zelaia.

Saúde Maria no Leste do país

Bafatá, 27 de Julho (Do nosso enviado especial) — O camarada Victor Saúde Maria inaugurou ontem a sua visita de trabalho à Região de Bafatá com uma reunião com responsáveis do Gabinete Regional de Planificação, encontro esse alargado a outros sectores.

«Está no centro das preocupações do Governo seguir de perto o desenvolvimento de cada região», disse Saúde Maria ao falar para mais de duas dezenas de responsáveis de quase todos os departamentos técnicos que compõem o Gabinete de Planificação.

Com efeito, o encontro permitiu o conheci-

mento dos passos já dados pela Região de Bafatá no esforço para o desenvolvimento e constituiu uma oportunidade para o levantamento dos problemas e dificuldades do dia-a-dia.

De acordo com a exposição do responsável regional do plano, Roberto Quissangue, e do director da Zona 2 para o Desenvolvimento Rural, Nhama da Costa, registou-se este ano um aumento considerável da área cultivada, possibilitando constatar que Bafatá já ensaia passos para um avanço harmonioso nos diferentes domínios.

O problema da falta de água, já crónico, a impossibilidade de aces-

so a certas localidades e ainda o da campanha agrícola foram a tônica das intervenções. «Cerca de oito mil toneladas de mancarra adquiridas pelos Armazéns do Povo e pela Socomin durante a campanha agrícola anterior carecem de evacuação e de melhores condições de armazenamento», disse Vasco Salvador Correia, para acrescentar que o maior problema que se coloca à região é garantir a evacuação do produto para Bissau.

Referindo-se à falta de água, aquele responsável regional fez notar que a seca progressiva que ameaça a zona Leste do país está a ponto de já constituir uma preocupação quanto à

possibilidade de seca do rio Geba, dado a diminuição progressiva do seu caudal. Segundo as palavras de Vasco Salvador Correia, em algumas zonas as abelhas chegam a atacar os camponeses para lhes sugar o suor do corpo.

Em resposta às questões levantadas, o camarada Victor Saúde Maria defendeu a necessidade de se conjugar esforços para dar resposta às questões mais prioritárias. «Temos que saber planificar e estabelecer prioridades», disse o Chefe do Governo. Referiu-se à necessidade de conservação das nossas infra-estruturas e afirmou que temos que pensar em conservar o que temos. «Se não somos capazes de conservar aquilo que possuímos não podemos pensar no desenvolvimento», disse.

Por outro lado, o Ministro do Desenvolvimento Rural, camarada Paulo Correia, abordaria o problema da coordenação entre os diversos departamentos afirmando que «o nosso trabalho exige a mão de todos os ministérios». «Não podemos pensar na indústria sem que as regiões tenham um «stock». Nesta primeira fase precisamos de garantir a autosuficiência e depois pensar na transformação dos produtos».



Aniversário da Revolução egípcia

Um grande ponto de interrogação sobre o futuro político do Egipto, bailava nas mentes dos observadores quando Hosni Mubarak sucedeu a Anuar El Sadate na chefia do Estado egípcio.

Sadate tinha sido morto num atentado quando assistia a 7 de Outubro do ano passado, ao tradicional desfile militar marcando o aniversário da Guerra de Outubro de 1973. As relações entre o Egipto e seus irmãos árabes, tinham sido suspensas devido aos acordos de Camp David estando patente o problema fundamental do Médio

Oriente: a questão palestina.

A posição do Egipto torna-se mais grave depois de Israel, num total desrespeito pela legalidade internacional, invadir e desvastar parte do Líbano, país soberano membro da O. N.U..

Nenhuma justificação poderá ilibar este acto criminoso do sionista Begin na sua tentativa de dizimar o povo palestino. O actual presidente do Egipto condenou a invasão israelita, afirmando contudo, que irá prosseguir as negociações com Israel para resolver o problema palestino. Por outro lado, Muba-

rak pedia o fim da guerra entre o Iraque e o Irão apelando à unidade da Nação Árabe.

Ao celebrar o 30.º aniversário da sua revolução, o povo egípcio debate-se com uma forte explosão demográfica (1 milhão de nados por ano, só no Cairo) e uma grave situação económica.

Rememorando, foi em 23 de Julho de 1952 que um grupo de Oficiais Livres, dirigidos pelo tenente-coronel Gamal Abdel Nasser derrubou o rei Faruk I.

Em 1953 foi proclamada a República e no ano seguinte Nasser assume a chefia do Estado inaugurando uma

nova modalidade de aliança entre os militares e o povo, assente nos princípios nacionalistas de projecção socializante.

Para assinalar o aniversário da Revolução, o embaixador do Egipto deu uma recepção no Hotel 24 de Setembro, a que assistiu uma delegação do nosso Partido e Estado de que faziam parte os camaradas Braima Bangurá, do CC do PAIGC e Secretário de Estado dos Antigos Combatentes, Avito José da Silva, Ministro da Educação Nacional e Mussá Djas-si, Secretário de Estado dos Correios e Telecomunicações.

Situação económica

A situação económica do país foi preocupação dominante da reunião ordinária do órgão máximo do Partido entre dois Congressos — o Comité Central.

Como é do conhecimento geral a nossa economia encontra-se numa situação crítica, reflexo do colonialismo, da guerra, da má gestão, e sobretudo da crise que afecta a economia mundial.

A ajuda externa, em vez de constituir um elemento de complementaridade, tornou-se hoje, um factor determinante. Isto quer dizer, que estamos cada vez mais dependentes do exterior, — não só das inflações e dos estímulos de que a economia mundial é fértil —, mas ainda do clima político existente nos países desenvolvidos. A continuar, tal tendência poderá pôr em perigo o princípio de luta caro aos Combatentes da Liberdade da Pátria — independência de pensamento e de acção. Urge, por conseguinte, tomar medidas para pôr cobro a tal situação.

Os dirigentes do nosso Partido debruçaram-se profundamente sobre tal problema e tendo em conta a sua complexidade, recomendaram à sua Comissão Económica, que apresentasse um trabalho indicando medidas urgentes a serem tomadas.

Alguns parâmetros, foram no entanto já ventilados. É assim, que o sector comercial surge como um domínio importante, pelo papel dinamizador que exerce no aumento da produção agrícola.

Aconselha-se que o comércio atenda mais ao produtor em potência, o camponês, retribuindo-lhe parte da sua produção em mercadorias directamente utilizáveis. Quer dizer que deverá haver uma quota na importação proporcional à contribuição do campo no volume de exportação do país.

O sector primário, a agricultura, mais uma vez, é reconhecido como sector básico da nossa economia. É necessário que o aumento da produção agrícola ultrapasse a autosuficiência alimentar e rompa com o círculo da mancarra, orientando parte da sua produção para uma exportação mais diversificada.

Não basta produzir em quantidade para ser exportável. É necessário também a qualidade para a conquista do mercado.

O camponês não parece, à priori, fornecer garantias na sua economia de subsistência. É necessário incentivar outros sectores sociais directamente engajados na produção agrícola. A pequena e média exploração privadas, os ponteiros, são apontados como hipóteses a reter. Dinamizar a actividade destes últimos, implica a concessão de um crédito agrícola que lhes permita, assim como ao camponês comunitário, a possibilidade de adquirirem factores de produção agrícola. Levanta-se assim, de novo o problema já várias vezes apontado, mas até aqui sem solução, da criação duma instituição bancária de fomento agrícola.

Decerto irão agora surgir problemas de fundo: papel do privado na nossa economia, demarcação da sua zona de influência em relação à zona de intervenção estatal, encorajamento ou não do sistema cooperativo, monetarização da economia de subsistência, etc.

Até lá, aguardemos os trabalhos da Comissão Económica do Comité Central do PAIGC.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quade, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Euridice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.